

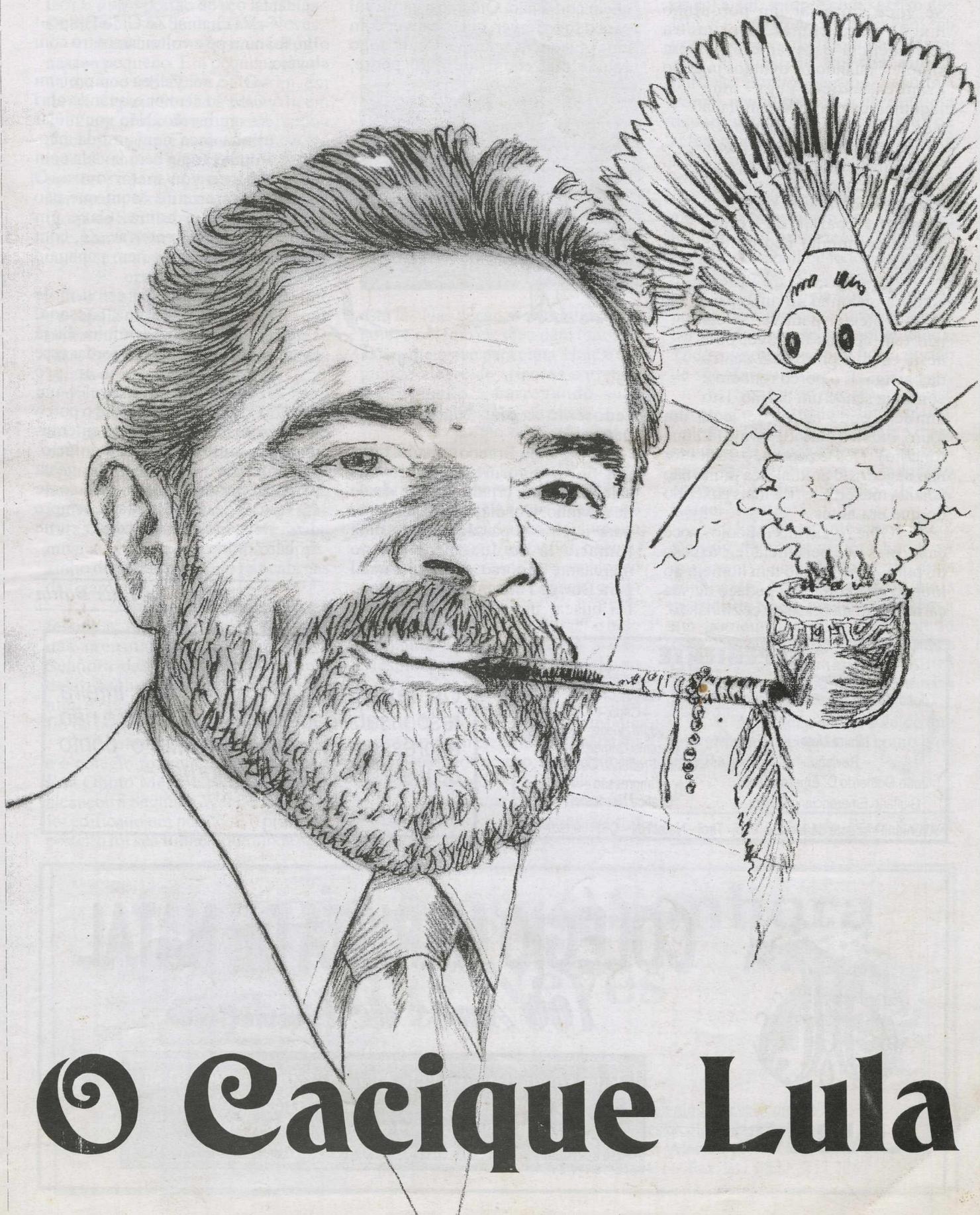
O Potiguar

Ano VI

Nº 31

Janeiro/Fevereiro 2003

Distribuição Gratuita



O Caciague Lula

O barrão

Quem ainda não ouviu falar no tal do barrão? É o porco inteiro (que não foi castrado). Se você vai criar um porquinho macho para comer, a primeira providência é capar ele. É bem simples: quando os ovinhos já estão grandes, você pega uma faquinha bem afiada, amolada e dá um corte no saquinho. Os ovinhos logo apontam. Tirou, botou um bocadinho de sal, com vinte e quatro horas, pára de sangrar e com sete dias está sarado. A partir de então, aquele porquinho não é mais barrão.

O segredo de quem compra bichinho novinho para criar, é atentar para ver se ele não tem apenas um ovo, pois neste caso, o outro está dentro da barriga. É o porco roncoio e continua sendo um barrão. Isto também pode acontecer com um touro, bezerro macho, cavalo (animal roncoio). Nesses casos, o castrador não dá jeito. O animal fica pior e não adianta mexer. Ele fica mais enxerido do que era antes.

Olhe, o cavalo roncoio, você capa, mas fica pela metade. No caso do porco barrão, não tem homem no mundo que coma um pedaço de sua carne. Nem na brasa ou cozinhando,

torrando... É uma catinga de mijo de cavalo véio. Um mal cheiro infeliz. É melhor jogar no mato, pois não tem quem coma não. Quando a carne vai para o fogo ferver, quem estiver com uma distância enorme, sente logo aquele mal cheiro de mijo podre,



fedorento e diz: "mataram um barrão!"

Zé Galo Branco coitado, tinha um porco enorme, pesando uns setenta quilos, criado por ele desde de novinho. Um dia, resolveu vender para inteirar a passagem para uma romaria lá no Juazeiro. Foi no marchante de porco, deixou o animal para Borrego matar e tratar. Depois, foi buscar um gado lá no Jacaré.

Borrego vai, mata o peste do porco. Era roncoio, era um barrão! O marchante então falou para o ajudante:

- Vá chamar Zé Galo Branco! Ita, foi num pé e voltou no outro com o véio.

- Olhe, seu Zé, eu comprei um poico ao senhor e quando abri era um barrão. Não vou melar minha faca com merda não. Vou lavar ela bem lavada com sabão e vou matar outro. O senhor arretire daqui que não tem quem coma. Cave um buraco e vá enterrar. Zé, com aquela fala que nem papagaio disse:

- Mais rapaz, eu estou mole demais. A semana passada, morreu uma vaca minha. Eu já mandei Severina engordar esse poico, "mode" eu ir pro Juazeiro e o miserável é um

barrão. O pobre do véio botou o porco no carro de mão e levou para enterrar. Quando saiu, veio o comentário: "Noé de Vivi, o homem que gosta mais de carne de porco, que come dois quilos de uma assentada, sempre diz." Deus me defenda comer carne de barrão...

Newton Lins Bahia

EXPEDIENTE

- | | |
|---|--|
| - Diretor -
João Gothardo D. Emerenciano | - Programação Visual -
Ramos Cruz |
| - Editor -
Moura Neto | - Capa -
J. M. Vieira |
| - Revisão -
João Gothardo D. Emerenciano | - Gerente Comercial -
Carlos Frederico Câmara |
| Giuliano Emerenciano Ginani | - Impressão -
Gráfica Nordeste |

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020-130
Fone: (84) 211-5005 - Fax: (84) 212-1216
<http://www.natal-marista.com.br-natep>
@natal-marista.com.br

O portão de São Rafael

Não existe outro portão mais venerado em Natal, na camada de estudantes e na parte que toca aos familiares, que o portão de São Rafael, no Colégio Nossa Senhora das Neves.

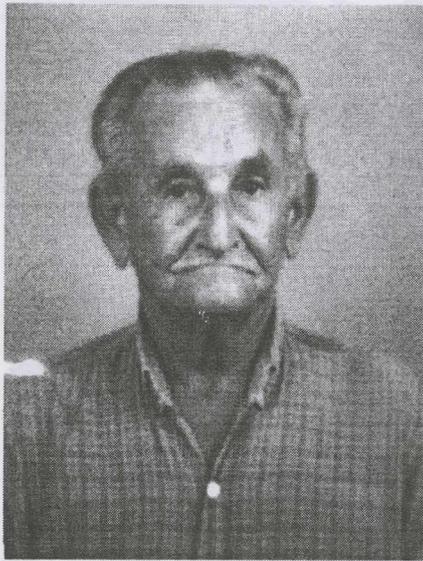
Lembro-me que o colégio nasceu pequeno. Era pequena escola na rua que subia para o Alecrim, em frente a igreja de São Pedro. Ali, em 1932 um grupo de religiosas fundou o colégio, só que numa casa do outro lado de onde é hoje. Tempos depois passou-se para cá, para a Presidente Sarmento, ainda nas imediações da igreja de São Pedro, como a lhe pedir que, como Nossa Senhora das Neves, cuidasse também do futuro do colégio.

E cresceu. Fizeram, entre outras benfeitorias, uma capela, que é a capela de interior mais bonito que brilha em Natal. Duvido muito que se faça, hoje, capela com toda aquela beleza de detalhes, que a envolvem e que a tornam tão acolhedora. E bela!

Na década de 50, as festas realizadas no colégio ainda ocorriam na Praça Pedro II. Porque não havia espaço interno para tanto. E lá se houve muito bem com São João e São Pedro, nas comemorações de suas datas. Com quermesse, barracas, música, vestidos de chita e chapuzinho de palha enfeitado nas cabeças das garotas.

Sempre brilhantes as festinhas na praça, pelas presença das meninas do Colégio Nossa Senhora das Neves e onde, numa delas, conheci Núbia, ainda hoje bonita, e mãe de Kiara, que lhe segue o fio da beleza e da simpatia.

Vieram as décadas de 60 e 70 e o colégio foi aumentou. Chegou à Rua Olinto Meira e principalmente, alcançou a Segundo Wanderley, onde foi edificado um portão. E o primeiro porteiro foi São Rafael, que ainda hoje



está lá. Nas décadas seguintes, e até hoje, o colégio cresceu para todos os lados, inclusive para cima. Hoje é um mundo alegre de crianças correndo e estudando e carregando suas sacolas de trabalhos escolares.

E no portão de São Rafael se introduziu melhoras. Continua prestando os mesmos favores de quando o abriram. E sempre com São Rafael ajudando as crianças. Prestando informações, sendo cordial com um e com outro, nas orientações, e sendo o que deveria ser todo porteiro de seu porte. Um amigo da criança, como ele é.

O portão de São Rafael é belo emblema da pedagogia em Natal. Mesmo para quem não estuda no Colégio N. S. das Neves. Quem estuda em outros colégios, que também prosperaram e também cresceram com seus alunos, não têm um portão tão famoso, e cuidadoso, como o portão de São Rafael.

E nada mais caro e mais útil! A informação, o conhecimento e a certeza de que todos sabem onde fica

o portão de São Rafael, é certeza certa para se marcar encontros, se apanhar ou deixar crianças no colégio. E São Rafael lá, trabalhando de sol a sol, sempre com sorriso nos lábios e desejo de ver tudo bem, na graça de Nossa Senhora das Neves.

É verdade que há outros portões. Bonitos, largos, benditos. Porém nenhum, com o carisma e a denominação que virou ponto de referência, de encontro de pais e filhos, mães e filhas. O portão de São Rafael!

Não seria mal que se fizesse a ele uma homenagem em vida. Não homenagem ao homem, ao funcionário que trabalhou todo esse tempo, no seu posto. Para isso eles são convocados. É pela justa fama de ponto, pelo marco de gratidão, pela certeza de que não haverá enganos. Todo mundo sabe onde fica o portão de São Rafael!

Seria justo que se escrevesse ali na seu frontispício um letrero. Simples. Direto. E sacrossanto, para multidão de alunos, de conhecidos, de parentes, de pessoas gradadas ao colégio. Assim: "Portão de São Rafael".

Em letras, mesmo a óleo. Depois de mais alguns anos, se quiserem, de metal. No portão mais conhecido, mais festejado e mais querido de Natal, uma homenagem a um homem que nem todo mundo sabe, mas que foi o guardião de muitas crianças, o informante de muito desespero, o ajudante de muita ansiedade.

Afinal não é todo colégio que tem um portão conhecido como o de São Rafael.

Afranio Pires Lemos

Colégio Nossa Senhora das Neves



quem estuda não esquece

*Celebra seus 70 anos de existência:
lembrando com gratidão o passado,
vivendo com paixão o presente,
abrindo-se com confiança para o futuro*

www.colegiodasneves.com.br

e-mail: neves@colegiodasneves.com.br

Praça Pedro II 1055 Alecrim 59.030-000 Natal RN.

Tel.: (84)211 4566 Fax: 211 8820 211 3787

O doce encanto do Natal

O Os naturais ou habitantes de Natal, cidade cujo nome já lembra a simbologia do nascimento de Jesus, tem visto filmes natalinos. Seja nos cinemas da cidade, seja nas programações cinematográficas da televisão, seja em fitas de vídeo ou discos-dvd disponíveis nas locadoras. Os filmes se caracterizam como natalinos ou porque o próprio tema é o Natal, ou porque o tema, não sendo o Natal, é contado na época desta festa e em ambientes decorados com os elementos da referida simbologia natalina.

Já em 1909, no dia 26 de abril, a empresa cinematográfica Carvalho & Cia., mostrava no Teatro "Carlos Gomes" uma série de pequenos filmes, dentre os quais um com o título "O Nascimento de Jesus". A 24 de janeiro de 1935, no Cine São Pedro, era apresentado como complemento ao filme "Esperto Contra Sabido" o desenho animado "O Presente de Natal". Em 1941, o cinema Rex começou a demonstrar espírito natalino antes de



dezembro, pois lançou o filme "Noite Feliz" (com Robert Taylor e Myrna Loy) a 23 de outubro; e o filme "Uma Noite de Natal" a 08 de novembro.

Em minha memória visual cinematográfica (não importando aqui a referência prioritária às casas de exibição de filmes, e sim lembrando-me também do que vi nas telinhas caseiras) perpassam as imagens deste doce encanto do Natal, acompanhadas de um bimbalar mágico de sinos e corais de crianças cantando músicas folclóricas vindas das profundidades dos tempos.

Não importa que as construções temáticas de alguns dos filmes sejam piegas e as interpretações de atores e atrizes não sejam boas como em "A Vendedora de Fósforos" (dirigido por Mary A. Grace, contando o drama de uma menina obrigada pelos pais a vender fósforos, pelas ruas geladas, às vésperas do Natal). Não importa que a colocação da estória ocorra na época natalina para destacar o brilho das luzes do capitalismo como cartão postal de Nova Iorque (como em "Esqueceram de Mim") ou de Los Angeles (como em "Duro de Matar").

O que importa é que o Natal pode ensejar a criatividade e o humanismo em outros filmes, verdadeiras obras-primas como:

1. "Sempre aos Domingos", de Serge Bourguignon, que vi num sábado no Cinema de Arte (no Rex, possivelmente em 1963 ou 1964). A tragédia da incompreensão que cerca a beleza da amizade entre um ex-piloto e uma menina. Quando voltam da floresta com um

SINSENAT
Construindo a luta

Filiado À
CUT

**Lutas garantem
Conquistas**

Presidente
Soraya Godeiro
Departamento de Imprensa
João Napoleão

Rua Gonçalves Ledo, 798 - Centro
Fones: (84) 211.2297 / 3082.9312
sinsenat@digicom.br
www.Sinsenatmluta.hpg.com.br

pinheiro para armarem a árvore-de-natal, o piloto é assassinado brutalmente por uma suposição de algo que não ocorreu. É como disse o crítico Moura Reis (depois de constatar que “em todo o filme há uma preocupação evidente: a de escrever um poema”): “A morte na neve, um grito de desespero, uma menina sem nome se transfigura num protesto surdo. A destruição da poesia”.

2. “Fanny e Alexandre”, de Ingmar Bergman, que trouxe para o cinema as memórias do Natal escandinavo de sua infância, com as comemorações familiares reunindo parentes para a distribuição dos presentes e participação na ceia. Cenas de humor se misturam à nostalgia de pessoas caminhando nas ruas solitárias em direção aos templos, e à beleza das marcações culturais com representações de peças nos teatros ou a lembrança de uma pequena lanterna mágica familiar.

3. “Camera Maker Whoope”, uma belíssima animação do canadense Norman McLaren, que foi um dos curtas do Festival

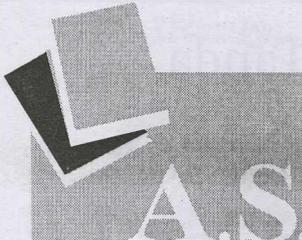
McLaren mostrado na Fundação José Augusto a partir de 07 de janeiro de 1983. O filme mostra variações sobre o tema do Baile de Natal da Escola de Belas Artes, apresentando técnicas mistas: objetos animados, efeitos óticos e participações com atores e atrizes ao vivo.

4. “A Felicidade Não Se Compra”, de Frank Capra. Contando a história do homem bondoso que termina por se desiludir ante a maldade e a ingratidão humana, pensando em se suicidar às vésperas do Natal. Mas Deus o socorre, mandando um anjo para convencê-lo a continuar vivo e fazendo o bem, pois a cidade toda, mesmo contra as aparências, lhe é grata, e o anjo lhe aponta como seria a cidadezinha (mais dura e infelizes suas pessoas) se ele não tivesse existido.

Fora estas quatro obras-primas, não são de desprezar outros filmes, singelos e desprezenciosos, mas sempre bonitos e agradáveis de ver, como “A Natividade” (desenho animado da série “Estórias da Bíblia”). “O Natal do Ursinho Ted” (tam-

bém desenho animado), “Um Natal Mágico” (dirigido por John Hancock, com a presença do Papai Noel, suas renas e seu trenó de presentes) e outros. Em cinema, como em literatura (v. o conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis), como em música (lembre-se tantas bonitas canções natalinas seguindo o rastro da obra-prima “Noite Feliz”, de Franz Gruber/Joseph Mohr), como em artes plásticas (v. gravuras como “Adoração dos Magos”, de Albrecht Durer) – o tema natalino é eterno. E lembra-nos que poderemos viver o Natal mesmo sem muito consumismo. Basta um toque de fantasia e de amor. Olhemos os presépios nas ruas, e tenhamos em mente a frase que termina um dos contos do escritor escandinavo Joannes Joergensen: “E o Menino Jesus sorriu”. Se conseguirmos ver o Menino Jesus sorrir num presépio então a noite será realmente feliz, como se tem visto em alguns filmes.

Anchieta Fernandes



A.S. LIVROS

Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - CEP 59063-100
Natal/RN - Fone:206-9099



POTYLIVROS
A Sua Livraria em Natal



DISQUE LIVROS
(84) 211.2001

Você telefona
e recebe
o livro em casa

www.potylivros.com.br

• POTYLIVROS / CENTRO - LIVRARIA E PAPELARIA.....211.2001
Rua Felipe Camarão. 609

• POTYLIVROS / POTYLÂNDIA.....231.7170
Av. Salgado Filho, 1973

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Francisco Lopes de Freitas

A vida mais íntima do América Futebol Clube, tem passagens interessantes e poucos conhecem a sua verdadeira história, nem mesmo aqueles adeptos mais arraigados. Entre outros, um fato que merece registro é aquele a respeito do seu primeiro presidente, que foi o desportista Francisco Lopes de Freitas.

Em 1915, houve uma primeira reunião preparatória, levada a efeito na Cidade Alta, numa das dependências da residência do juiz da capital, Joaquim Homem Bom de Siqueira, mais precisamente “numa casinha, situada nos fundos do terreno, e que servia de república para seus filhos Oscar e Carlos”, quando um grupo diminuto de jovens estudantes e comerciários estiveram reunidos. Aquele encontro era para se tentar a fundação de outro clube de futebol em Natal, já que dias antes, no bairro da Ribeira, com apoio financeiro de pessoas mais ou menos abastadas, havia sido fundado o ABC Futebol Clube, ficando deliberado na ocasião a idéia de fundação e marcada para o dia 24 de julho a segunda reunião, quando seria consolidada a instalação, o que ocorreu naquela data, desta vez com presença considerável de estudantes, tendo sido tomadas, de pronto, deliberações próprias e importantes, para uma associação que se iniciava naquele dia, inclusive com a escolha de uma Diretoria Provisória, com mandato até dezembro daquele mesmo ano, quando seria então eleita, pela primeira vez, uma nova Diretoria do clube, que naquela reunião, a novel associação tomou o nome de América Futebol Clube com a seguinte Diretoria

Provisória: presidente, **Francisco Lopes de Freitas**; vice-presidente, Oscar Homem de Siqueira; orador, Getúlio Soares Ferreira; primeiro secretário, Manoel Coelho; segundo secretário, Napoleão Soares Ferreira; diretor de esportes, José Fernandes de



Oliveira (Lélio); tesoureiro, José Lopes Teixeira, e cobrador, João Batista (Padaria).

Assim, o primeiro presidente do América foi Francisco Lopes de Freitas, escolhido por seus pares àquela histórica reunião de fundação. Francisco Lopes de Freitas era um jovem desportista da comunidade que emprestava o seu concurso ao esporte do remo que se iniciava em Natal, integrando o grupo de remadores do Centro Náutico Potengi, ao lado de Aníbal Leite Ribeiro, Avelino Alves Freire Filho (Lili), Artur Veiga, Renard e Raimundo Pereira das Virgens, componentes da guarnição dos “Meninos”, que venceu a célebre

guarnição “Mata Bodes”, do Sport, além de Júlio Meira e Sá, José Elpidio dos Santos, José Paes Barreto e tantos outros que se iniciavam naquele período do remo potiguar.

Francisco Lopes de Freitas, ao longo da vida do América não teve atuação nos seus quadros de atletas de futebol, porém, foi um dirigente e associado dos mais dedicados em toda a história do nascimento do alvi-rubro, tendo contribuído com seu entusiasmo para o desenvolvimento do clube, participando, inclusive, da constituição de várias outras de suas Diretorias. Foi também o primeiro Diretor Técnico do clube, pois, por diversas vezes foi eleito para este cargo de Diretoria e era o “homem que arrumava os jogadores em campo”, assim dizia Humberto Nesi, com quem jogou. Francisco Lopes era membro de tradicional família natalense, e uma de suas irmãs pertencia à Congregação do Amor Divino, do Colégio das Neves. Posteriormente, foi muitos anos o Secretário da Fazenda Municipal, da Prefeitura de Natal. Chico Lopes, como era conhecido nas rodas esportivas, foi campeão absoluto de bilhar, em Natal.

Os fatos aqui relacionados com as primeiras reuniões para a fundação do América Futebol Clube, foram esclarecidos em carta de 26 de abril de 1948, enviada ao desportista José Rodrigues de Oliveira, à época Presidente do América, pelo Dr. Oscar Homem de Siqueira, então juiz de direito em Acari, fundador e ex-presidente do América, cuja cópia se encontra em nosso poder.

Luiz G. M. Bezerra



100 anos

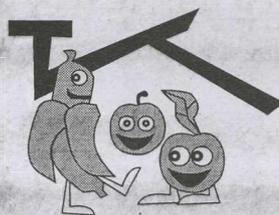
abrindo caminhos
na educação

CIC

Centenário 1902 - 2002

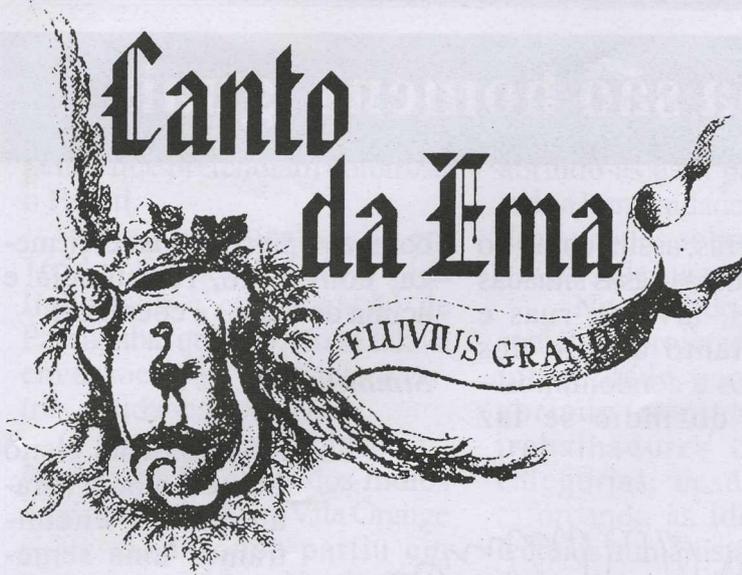
Av. Deodoro, 540 - Natal/RN
Fone: (84) 211-1687 - Fax: (84) 211-6766

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612



Canto da Ema

Relatório Unicef

Relatório Unicef: pneumonia,
Diarréia, sarampo, as doenças
Matam milhões de crianças por dia,
Neste mundo povoado por crenças.

Diante da tevê, enquanto pensas
Nas possibilidades da poesia,
As mensagens natalinas, intensas,
Enchem de luz o que a fé anuncia.

É noite de Natal mais uma vez.
É festa. Nos sinos, canções, lapinhas,
E no Bom Velhinho ainda crês.

Só nós ouvimos o que Ele diz:
É preciso salvar as criancinhas
Para um Ano Novo mais feliz.

João Gualberto C. Aguiar

Natal dos anos trinta

Natal dos anos trinta
Não deixes que eu minta
Ao falar de ti,
Lembrar o teu passado,
Que sempre ao teu lado
Contente viví.

Rua dos Tocos, da Gameleira
O carnaval na Ribeira
A feira do Alecrim,
Do velho Beco da Lama,
Do Cine Politeama,
Dos Filmes de RIN TIN TIN.

Lembrar ainda quero,
Dos grandes bailes do Aéro,
Da Limpa do Futebol,
Da rua da Salgadeira,
Do picado da feira,
Das caçadas no Tirol.

Comprava mel de cabaço
La na feira do Paço,
Vindo da Bica da Telha,
Se a memória não falha,
Ali na rua da Palha
Havia uma rosa vermelha.

Do Baldo e da Passagem,
Guardo ainda uma imagem,
Muito bela e muito rica,
De lá eu via os devotos
Depositarem seus votos
Lá na Santa Cruz da Bica.

Walter Canuto

Noturno

A noite passa
O suspeito caminha
Com o ofício de acalantar
A alma ativa
De um vulto perdido.

Carlos Lucas (Astral)



ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DO RIO GRANDE DO NORTE - NATAL E GRANDE NATAL

ATENDIMENTO À CLÍNICAS MÉDICAS E LABORATORIAL

SECRETARIADO POR
Cíntya Pollianna

Luíz Fabrício Alves de Oliveira
PRESIDENTE

Av. Rio Branco, 571 - Centro - Ed. Barão do Rio Branco - 4º Andar - Sala 414
Cel. 9421-5928 - Natal/RN

Lula e Paraupaba são homens iguais

No mar de sangue deixado pelos índios do Nordeste, a partir do Rio Grande do Norte, ainda estão as marcas do etnocídio e genocídio, ou seja a destruição física e cultural das populações.

Apesar disso, depois de 348 anos desse acontecimento, permanece a falta de memória, desconhecimento, abandono e desprezo sobre o valor dos índios na história brasileira.

Agora, parece que, de acordo com o pensamento de Gilberto Freire, segundo o qual não existe um tempo isolado do outro, isto é, passado, presente e futuro separados, mas os três integrados, vamos iniciar a recuperação da história em que estamos inseridos.

Expectativa

O novo governo do Brasil, na perspectiva de Luís Inácio da Silva – Lula, poderá ser, de forma legítima, coerente e verdadeira, o início ou abertura para o reconhecimento da grandeza indígena na formação da sociedade brasileira.

O sangue e a alma do índio, em diferentes proporções, estão na vida atual dos brasileiros, com profundas raízes caracterizadas nos costumes, hábitos, atitudes e outros comportamentos.

No grande espaço em que vivemos – entre o céu, a terra, o mar, as matas, os desertos, as

colinas e serras, assim como no interior de nossas casas situadas nos bairros, favelas, ruas e avenidas, tanto quanto nos apartamentos e condomínios – o espírito do índio se faz presente.

coragem, personalidade, firmeza, convicção, resistência e acima de tudo – a coerência.

Similitude

Entre o presidente eleito Lula e Antonio Paraupaba – encontramos uma semelhança bastante parecida, mesmo levando em conta que se trata de um branco civilizado e um índio que foi diplomata, guerreiro, líder político e de classe social.

- Quem foi Paraupaba?

Se as escolas / universidades tivessem o cuidado de olhar os fatos históricos feitos pela gente humilde e simples, certamente esta indagação não existiria e, portanto, a história política, social e cultural seria mais conhecida, lembrada e admirada.

Paraupaba – em tupi, quer dizer: o rio caudaloso em que

todos bebem água e de água que leva tudo.

Lula – na concepção popular de hoje, “é a estrela que brilha,” o presidente eleito do Brasil.

Ambos – são e foram guerreiros defensores dos excluídos e oprimidos, gente que vive sem trabalho, passando fome, sem educação, saúde e moradia, no decorrer de séculos, desde a invasão do território brasileiro pelos europeus.

Na serra Ibiapaba, entre o Ceará e Piauí, Paraupaba



Com o trabalho, estudo, pesquisa, e solidariedade haverá meios para que este cenário venha ser confirmado, sem a menor dúvida, pois na escala de algum lugar do Brasil, especialmente do sertão semi-árido, do litoral e das terras úmidas do sul – sempre existe e reside algo deixado pelos índios.

Na cabeça chata de Lula, mais precisamente em todo o seu biótipo – configura-se, também, o ser humano de antecessores indígenas caracterizados pela persistência, determinação,

conseguiu reunir cerca de 5 mil índios – para combater os portugueses e demais estrangeiros que pretendiam colonizar o Brasil.

Naquela localidade, em 1654 – foi organizada a Liga Índia, sob a coordenação de Paraupaba, quando não se falava em associação, sindicato e outras entidades sociais.

Antes dessa providência – Paraupaba foi o Rei dos Índios do Brasil sediado na Vila Orange – Natal, de onde partiu em viagem por todo o Nordeste de então, afim de organizar os índios perseguidos pelos portugueses.

Sem o esperado apoio da Holanda, Janduí e Paraupaba desceram das serras do sertão para combater os colonos e portugueses que invadiam as suas terras e faziam delas – as sesmarias.

A chamada Guerra dos Bárbaros, mais precisamente Guerra dos Índios, foi iniciada em 1686/87 – 33 anos depois de Ibiapaba, sem dinheiro, armas de fogo, estratégia e conhecimento dos índios, ao contrário do que se verificava com os lusitanos. Lira, 1987 – p. 105.

Segundo Fariás, 1997 – p. 35, essa guerra durou 133 anos, em todo o Nordeste, após o seu início no Assu, Apodi e Natal, onde os índios comandados por Janduí pretendiam arrasar tudo, igualmente ao que faziam as tropas do governo português.

Outros autores – falam de 12, 20, 30 anos de guerra, sem haver o mínimo de aproximação nesses números, enquanto os próprios índios, em alguns de seus documentos – assinalam que as guerras feitas pelos colonizadores tiveram início em 1500 – quando eles chegaram aqui. Vargas, 1987, p. 39.

Renovação

O mundo do século 17 – era aquele, sem organização e

comunicação, feito pelo capitalismo mercantil, embora a cultura estivesse em mudança, abrindo as asas para o social e toda a humanidade, com grandes dificuldades sobre o respeito e a dignidade humana.

No final do século 20, o social foi projetado com maior intensidade para o mundo, abrindo caminhos para os trabalhadores de todas as categorias, desde a Europa, reforçando as idéias de intelectuais humanistas e filósofos, da Igreja e outros setores.

A questão do índio – vinha sendo examinada desde o início do século 16, pelo Bispo Bartolomeu de las Casas, na defesa dos ameríndios como “filhos de Deus”, desfazendo o pensamento e ação dos colonizadores.

Sob o castigo da fome, desemprego e abandono – Lula, na companhia de sua mãe e irmãos, foram retirantes da seca, de Garanhuns / PE, para S. Paulo, em busca de trabalho, alimento, escola e futuro.

Em seguida Lula tornou-se operário como torneiro mecânico, em S. Bernardo do Campo – SP, onde, na liderança dos trabalhadores, conseguiu fazer uma greve – 1978 que abalou todo o país e resultou na sua prisão, durante o regime militar.

Nos anos posteriores – após exercer a presidência do Sindicato, fundou a CUT – Central Única dos Trabalhadores, em seguida o PT, pelo que ganhou mais confiança e legitimidade dos seus companheiros, bem como de todos – interessados na renovação e democratização do Brasil.

A exemplo de Paraupaba – Lula, como líder nacional – andou pelo exterior – França, Itália, Inglaterra, países latino-americanos e outros, sempre procurando conhecer a luta dos trabalhadores e sua política de mudança das condições de vida.

Paraupaba – não foi muito longe, igualmente a Lula, mas passou cinco anos na Holanda, onde foi instruído e assimilou a experiência daquele povo de maiores conhecimentos.

Segundo os hábitos indígenas, esse chefe ou cacique do povo Tarairiu, teve oportunidade de conhecer / viajar por todo o Nordeste e Norte do século 17, assim como, provavelmente, a região Sul, onde, a exemplo do que ele fazia com as tribos do Rio Grande, através de Ibiapaba, os Guarani criaram a Terra sem Males – Yvy Maná Eyn – objetivando a paz, união e a felicidade.

Comprovação

Na longa distância entre Lula e Paraupaba, mesmo levando em conta os 3 séculos e meio que separam as duas figuras – encontramos a confirmação do pensamento de Gilberto Freire acerca do passado, presente e futuro que constituem apenas UM tempo.

Os feitos de Paraupaba marcam uma época, servem de exemplos para as suas gerações e deixaram para a história o que pode fazer um homem responsável e consciente pela sua coletividade, mesmo sendo de poucos conhecimentos, sabedoria e sem patrimônio de riqueza.

Quando não havia democracia nem eleição – tampouco a tradição de família e classe social, Paraupaba foi reconhecido e nomeado pelo governo holandês para o cargo de Rei dos Índios do Brasil.

Em conseqüência disso – aquele Maioral foi arrasado, morto e esquecido pelos civilizados – portugueses e brasileiros que fizeram a dominação das terras indígenas na fase inicial do capitalismo selvagem – negando e condenando o direito natural à vida de crianças e adultos – que

viveram naquele período.

- Agora, é Lula – como se diz, depois das 14 gerações desde Paraupaba, como presidente eleito do Brasil, sem esquecer os 22 anos de seu passado, durante os quais foi candidato 3 vezes, perdendo a vitória que ele e seus companheiros esperavam.

Aqui, temos outra coincidência: a grande guerra dos Índios organizada por Paraupaba, somente teve início em 1686 – após 32 anos de 1654, - quando os holandeses saíram do Brasil e foi implantada a Liga Índia, na chapada da serra Ibiapaba.

Em cima desses fatos – seria o absurdo da ignorância – fazer a predominância do preconceito racial, do orgulho e da vaidade entre os seres humanos – até mesmo no tocante aos índios e civilizados, à semelhança do que ainda ocorre em alguns setores, em decorrência da cultura burguesa.

Dimensão

Na dimensão da humanidade, tanto Lula, quanto Paraupaba são duas expressões diferentes de valores, respeito e admiração reais e comprovados

com a mesma igualdade física e biológica do universo humano.

Isto quer dizer, portanto, que a teoria de Gilberto Freire confirma-se na prática com fundamento científico, sobre a igualdade dos tempos, a exemplo do que acontece com o homem, desde o seu passado primitivo até os dias atuais e futuros.

Na opinião do Frei Leonardo Boff – criador da Teologia da Libertação, o novo presidente do Brasil – passou a ser um profeta, o segundo messias, na concepção popular, não somente para o nosso país, como ainda para a América Latina e demais nações pobres do Terceiro Mundo.

Foi assim que Boff falou pela TV - Universitária, à noite de 10/11, ao ser entrevistado pelo jornalista Roberto Dávila, acrescentando que no caso de Lula não atender a essa expectativa – ele será esquecido e abandonado pelos brasileiros, ou seja, ganhará o ostracismo até o final de sua vida.

Ao lado disso, coloca-se outra situação: as pesquisas feitas, recentemente indicam que Lula, depois de eleito, conta com 71 por cento da população brasileira que acredita na possibilidade do seu governo ser

ótimo e bom.

Isto quer dizer que mais de 120 milhões das mulheres e homens que vivem no país, no total de 170, são responsáveis pelo nosso futuro, ou seja não podem se omitir do governo que pretendemos, mais precisamente têm o dever de opinar, protestar, apoiar, discutir, examinar as ações governamentais que venham ser apresentadas e, posteriormente executadas.

Lula foi eleito para ser o patrão / timoneiro do barco chamado Brasil, enquanto nós – somos os remadores equivalentes a 170 milhões de pessoas.

Se o barco afundar – todos nós descenderemos ao fundo do mar!

Paraupaba submergiu na história com os seus índios – porque os ventos procedentes da costa brasileira, da Holanda, Portugal e outros lugares foram contrários aos seus planos de viagem.

Todo o cuidado é pouco – para que o mesmo não se repita depois dos cinco séculos da história burguesa.

Arlindo Freire

Jornalista e Sociólogo - UFRN

**Cidadania e Justiça
para os povos indígenas.
Igualdade de Direitos
para todas as raças e etnias.
Essa luta também é nossa!**



Tratos de polé, um suplício do período colonial

Em 1689, período histórico em que se desenrolava nos sertões norte-rio-grandenses a chamada Guerra dos Bárbaros ou Levante do Gentio Tapuia, foi aprisionado nos campos do Assu o chamado **Capitão Diogo**, pertencente aos indígenas Janduís. Foi ele aprisionado pelas tropas comandadas por Afonso de Albuquerque Maranhão¹.

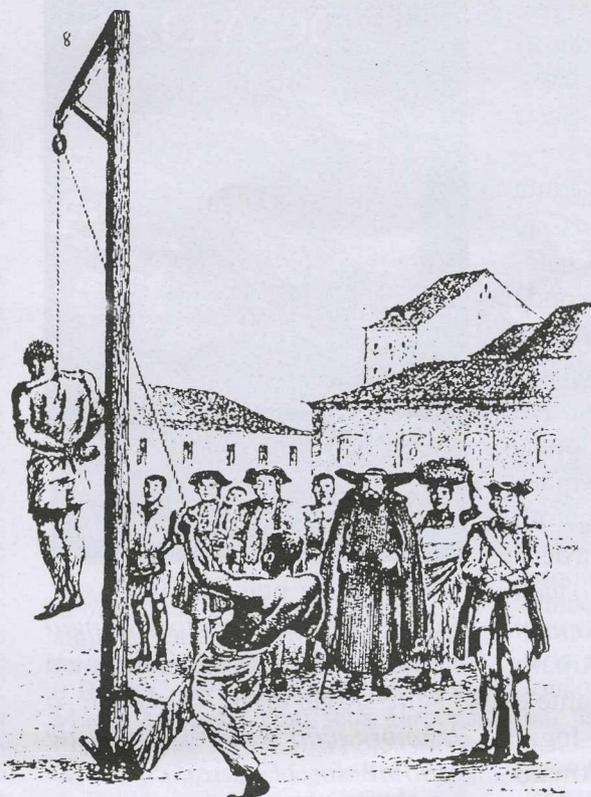
Em correspondência dirigida ao Desembargador Ouvidor da Capitania de Pernambuco, datada de 13 de março de 1713, o Senado da Câmara do Natal afirmava que os moradores locais queixavam-se de ser prejudicial à Capitania a permanência dos tapuias Manuel Ribeiro (filho do Carnaúba), Cavalgante, **Diogo Acauã**, Manuel de

Abreu e outros, os quais se achavam incorporados às tropas comandadas pelo Sargento-mor José de Morais Navarro, do Terço dos Paulistas².

Carta do dia seguinte, ao Governador Geral de Pernambuco, informava que o Dr. João Marques Bacalhau havia visto a situação da Capitania, por causa dos tapuias, concluindo pelo apelo de serem retirados do Rio Grande aqueles indígenas já mencionados³.

Em 12 de fevereiro de 1721, carta do Senado da Câmara do Natal, dirigida ao Dr. Ouvidor Geral Manuel da Fonseca e Silva, pedia providências contra o Capitão-mor do Rio Grande, Luís Ferreira Freire, responsável por atos de arbitrariedade.

Segundo a denúncia dos vereadores, o capitão-mor havia condenado o indígena **Diogo Acauã**, então capitão-mor dos tapuias da nação Janduí, aldeados na Missão de Guajiru, a seis poleadas, em virtude de o índio não haver aprontado sua gente para um



A Polé, segundo desenho de M. Bandeira

serviço desejado pelo dito Ferreira Freire. Segundo os vereadores, **Diogo** sempre fora leal e digno em todas as ocasiões de guerra em que serviu.

A indignação dos membros do Senado da Câmara se prendia ao fato de **Diogo Acauã**, como cristão que era, ter pedido para se confessar na hora do suplício, o que não lhe foi deferido pelo Capitão-mor Luís Ferreira Freire⁴.

A polé era um instrumento de suplício, levantado nas praças

públicas para castigo de determinados crimes, em geral com fins correccionais. Apolear ou dar tratos de polé, assim era denominado o cruel castigo. Quando o condenado passava por um único trato de polé, jamais recobriria a saúde. O que tivesse sofrido três aplicações do bárbaro choque, já era fatalmente um condenado à morte. Se não morresse logo, ficava doente pelo resto de sua vida!...

A polé consistia em um mastro ou madeiro de altura proporcionada ao fim, arvorado a prumo, tendo na extremidade superior um braço, lembrando uma forca. No final do braço achava-se presa uma roldana ou polé com corda ou cabo, cujas pontas chegavam ao chão. A corda era amarrada ao condenado

por baixo dos braços, utilizando-se para tal uma das suas extremidades. Era então o padecente içado até tocar na roldana, ocasião em que era abruptamente solta a extremidade livre da corda. A vítima precipitada caía até perto do chão, sem tocá-lo. O grande ímpeto da queda, aliado ao freio brusco, deslocavam os braços do condenado⁵.

Olavo de Medeiros Filho

¹ GONSALVES DE MELLO, José Antonio. Pernambuco ao Tempo do Governo de Câmara Coutinho (1689-90). In Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, vol. 51, 1979;

² LIVRO DE REGISTRO DE CARTAS E PROVISÕES DO SENADO DA CÂMARA DO NATAL (Livro nº 5, fls. 128-v e 129). Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 75;

³ _____, fls. 119 e 121;

⁴ LIVRO DE REGISTRO DE CARTAS E PROVISÕES DO SENADO DA CÂMARA DO NATAL (Livro nº 7, fls. 8 a 10). Acervo documental do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Caixa nº 83;

⁵ PEREIRA DA COSTA, A. F. Anais Pernambucanos, vol. 4, pp. 8 e 30.

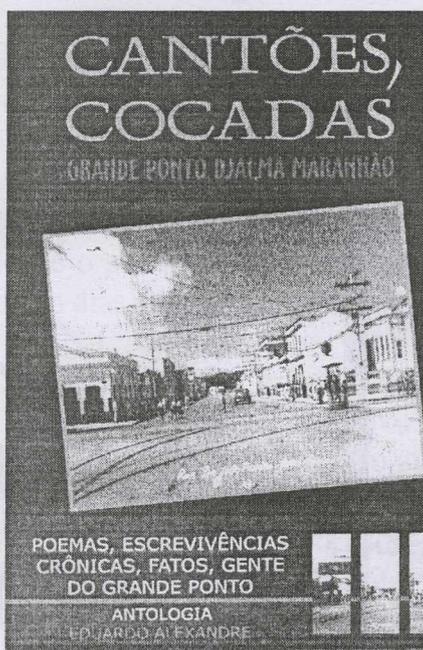
Antologia conta a História do Grande Ponto

Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão não tem a pretensão de revelar todas as estórias, acontecimentos, tipos, fatos, mistérios do Grande Ponto. Seria um trabalho impossível.

Cascudo conta-nos a exata História: um ponto comercial, o Café Grande Ponto, do português Custódio de Almeida, situado hoje onde está erguido o edifício Amaro Mesquita, no cruzamento da avenida Rio Branco com a rua João Pessoa. É a origem do nome do logradouro. Conta-nos Cascudo, que Amaro Mesquita era um caixeirinho que ali mesmo varria calçadas e dizia de si para si: “Nesse lugar vai ser o meu sobrado” ou “eu farei aqui o meu sobrado”. De balconista. Amaro tornou-se próspero comerciante e construiu o seu sobrado no lugar onde era o Café: é o Edifício Amaro Mesquita.

Manoel Procópio de Moura Jr. nos informa que, em 1845, o presidente da Província, Casimiro de Moraes Sarmento, determinou a ampliação da atual rua João Pessoa, derrubando a mata existente até a rua Princesa Isabel.

E nos diz ainda Procópio: “após esta derrubada, a atual Princesa Isabel passou a chamar-se Rua dos Tocos, enquanto a parte ampliada da atual rua João Pessoa, passava a se chamar Rua Sarmento.”



Diz ele que, “anos depois, quando a Rua Sarmento já atingia a atual Av. Deodoro, recebeu, em 13 de fevereiro de 1888, a denominação Rua Visconde de Inhomem (Francisco Sales Torres Homem).”

E arremata: “Este nome se conservou até o início do Século XX, quando passou a chamar-se Rua Coronel Pedro Soares, para, finalmente, já na década de 1930, chamar-se Rua João Pessoa.”

Odilon de Amorim Garcia nos revela que, ali, “durante a II Grande Guerra, começou a funcionar o “Serviço de Alto Falante”, de Luiz Romão, cujas caixas de som eram fixadas em um poste, exatamente na esquina da João Pessoa com a avenida Rio Bran-

co, defronte ao “Café Grande Ponto”.

Nos diz, que “*todos os dias, às 19 horas, o Serviço transmitia músicas, e, às 21 horas, retransmitia o noticiário da BBC de Londres.*” E que “*Os frequentadores do Grande Ponto se deslocavam para aquela esquina para ouvir as últimas notícias sobre a guerra.*”

E vem um desfile de grandes estrelas com seus textos que, somados, dão um panorama do que foi e é o Grande Ponto para a cidade do Natal. Vejamos o que alguns deles dizem do Grande Ponto:

As cidades antigas tinham seu lugar sagrado, no centro, na Ágora em Esparta, na Acrópole em Atenas, no Capitólio em Roma. **Marcos Maranhão**

O Grande Ponto é o território encantado onde vive a alma errante, boêmia e lírica, curiosa e loquaz, da gente natalense. **Joanilo de Paula Rêgo** Incontáveis gerações de potiguares se encontraram nesse logradouro. **Luciano de Almeida**

Naquela praça, cabia o mundo que a nossa imaginação construía. **Vicente Serejo**

Ali, a democracia participativa criava raízes pois a discussão era permanente sobre as grandes questões nacionais e da cidade. **Moacyr de Góes**

Eduardo Alexandre



ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

GENARDO LUCAS DA CÂMARA

TC RN - 002157/O-4

- Assessoria Empresarial
- Abertura de Empresas
- Escrituração Contábil
- Escrituração de Livros Fiscais

Rua Dr. Miguel Couto, 244
Bairro Vale do Pitimbu - Natal/RN
Fones: (84) 218.5311 / 218.3415 - genardo@uol.com.br

MANDATO OPERÁRIO
PT Júnior Rodoviário
VEREADOR

O Grande Ponto

O Grande Ponto é a denominação de uma parte no centro da cidade, localizada na Rua João Pessoa, precisamente entre a Av. Rio Branco e a Rua Princesa Isabel.

Em 1845, a atual rua João Pessoa era uma pequena artéria compreendida entre a rua Vaz Gondim e a Av. Rio Branco. O Presidente Sarmento (Casimiro de Moraes Sarmento) determinou a ampliação da atual rua João Pessoa, derrubando a mata existente até a rua Princesa Isabel. Após esta derrubada, a atual Princesa Isabel passou a chamar-se Rua dos Tocos, enquanto a parte ampliada da atual rua João Pessoa, passava a se chamar Rua Sarmento.

Anos depois, quando a Rua Sarmento já atingia a atual Av. Deodoro, recebeu, em 13 de fevereiro de 1888, a denominação Rua Visconde de Inhomerim (Francisco Sales Torres Homem). Este nome se conservou até o início de Século XX, quando passou a chamar-se Rua Coronel Pedro Soares, para finalmente, já na década de 1930, chamar-se Rua João Pessoa.

O espaço da Rua João Pessoa, compreendido entre a Rua Princesa Isabel e a Av. Rio Branco, ficou conhecido como **Grande Ponto**, em razão de um Café, com este nome, localizado na esquina da Av. Rio Branco com a João Pessoa, onde hoje está localizado o Edifício Amaro Mesquita.

Era um ponto de encontro dos habitantes da cidade do Natal. Nesta "Universidade" popular, reuniam-se intelectuais, esportistas, políticos, jornalistas, estudantes e um sem número de prisiacas. Era uma fonte inesgotável de comentários, boatos e muita conversa fiada que invadiam a nossa pequena Natal.

Anos depois, a denominação **Grande Ponto** atingiu toda a extensão da rua João Pessoa. Entretanto os seus freqüentadores, vestindo camisa sileque (slack), concentravam-se no espaço delimitado pela rua João Pessoa com a rua Princesa Isabel.



Neste ponto, além das prosas e chorumelas dos seus "habituês", algumas casas comerciais se destacavam como a Confeitaria Helvética e o Bar e Confeitaria Cisne, ambas de Múcio Miranda, com seus garçons Enedino e Zé Américo; o Foto Grevy, de Grevy Germano, depois Real Foto, de Valdemir Germano; o Café Maia, de Rossini Azevedo e a Sorveteria Cruzeiro, de "Seu China".

No outro lado da rua, estava situado "O Botijinha", lanchonete sem porta e sem tranca, de Jardelino Lucena, com a Sede do Santa Cruz F.C. no andar superior; a "Casa Vesúvio", de Francisco Maiorana; a "Loja Seta", de Nevaldo Rocha; o Caldo de Cana do Raimundo e; a "Casa São Geraldo", de Dona Dolores, além do "Portão Brasil", local onde Alcino Augusto Guedes gravava em metais, instantes já esquecidos pela inconsistência das almas.

Falar no **Grande Ponto** é relembrar as festas folclóricas promovidas por Djalma Maranhão, humanista que marcou um "grande ponto" na

administração de Natal. É lembrar, também, as ameaças de observações localizadas no Acácia Bar, na Confeitaria de Aracati, no restaurante Dois Irmãos e no Natal Clube. É lembrar um tempo de tranquilidade, onde a maior ameaça era o boato.

Lamentamos que o **Grande Ponto** tenha seguido a mesma destinação dos bondes, cujos trilhos riscavam seu chão. Foi desaparecendo com o tempo, devagar, devagar, até que, sem que ninguém percebesse, encantou-se.

No **Grande Ponto**, todos os problemas eram resolvidos. Lá, seus assíduos freqüentadores solucionavam suas quizilas. Alguns, já "libertados pela lei da morte", outros, por pirraça, continuam marcando presença, buscando nos labirintos das lembranças, os bons momentos vividos na Rua João Pessoa, bem ali... no **Grande Ponto**.

Manoel Procópio de Moura Júnior

Sebo Amorem

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN
Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423

Seb Art
CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

MATRIZ NA RUA DA CONCEIÇÃO, 617
FILIAIS: RUA VAZ GONDIM, 816 - CENTRO - NATAL/RN
AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67 - TELS.: 9461-5996 / 9415-9924



Adeus Papai Noel!...

Não lhe pairava dúvida, por menor que fosse, na sua infantil análise, sobre o calendário festivo. Eram as comemorações natalinas as que mais o empolgavam na sua cosmovisão de menino do interior, onde as pessoas, então, se limitavam a bem poucos eventos a lhes tangerem o componente lúdico que habita qualquer ser humano. Via o carnaval, as festas juninas, as comemorações do padroeiro, percebendo o colorido de todas essas festas. Entretanto, era o natal que o garoto esperava sempre com maior ansiedade.

Também pudera, Momo nada lhe trazia de concreto. Após os dias de folia, o que ficava era a fugaz lembrança de um ou outro papangú mais original. São João ainda lhe proporcionara um padrinho de fogueira, que vez por outra lhe oferecia um doce, um sorvete ou algo assim. O orago se manifestava pelo foguetório nas novenas, seguido da movimentação da quermesse. Com o natal, a coisa lhe era bastante mais aprazível. Papai Noel jamais negara fogo, sempre comparecendo com um belo e agradável presente, que o menino curti a não mais poder, zeloso e consciente do valor que o objeto representava, notadamente face às precárias condições do meio e às naturais limitações a todos impostas à época.

O zelo observado seria, certamente, o guardião responsável pela manutenção, em bom estado de conservação, de um pequeno e pouco diversificado, contudo bastante agradável mundo mágico infantil, onde podia perceber, com profunda gratidão, quão simpática e admirável se fazia a

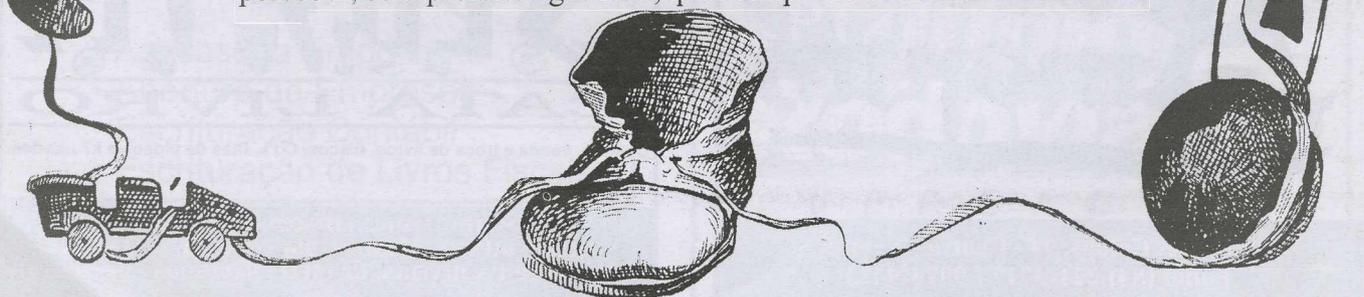


figura do bom velhinho de longas barbas brancas. Indizível o prazer com que recordava a descoberta que representara cada uma daquelas bonitas coisas ao alvorecer do dia seguinte às noites natalinas de suas infantis lembranças.

Mais remotamente fora o carro de madeira rústica, pintado de vermelho. Havia um outro, de plástico e pequenino, que na carroceria transportava três cavalinhos de cores variadas. De belo colorido também era um violão de plástico, verde e amarelo, talvez assim querendo incentivar um patriótico canto para uma infância feliz. O mais deslumbrante, entretanto, era um aviãozinho de fricção que, quando impelido, soltava uma saraivada de luminosas faíscas, produzindo no garoto um efeito que o deixava entre curioso e maravilhado. Essas coisas eram-lhe suficientes e necessárias para transformar a noite de natal numa ocasião de deslumbramento temperado com magia.

Porém, geralmente, tudo que deslumbra, costuma igualmente trazer o desencanto, algum dia, como contrapartida. Nos anos anteriores, como forma de acalmar a impaciência infantil a toda hora querendo saber a hora da chegada do Papai Noel, seus pais recomendavam-lhe que fosse dormir, pois o velhinho certamente já se encontrava a caminho e, se demorava, era por ter muito trabalho no atendimento de uma enorme quantidade de crianças. Não ficaria nada satisfeito se as encontrasse acordadas. Naquele ano a conversa fora diferente: aconselharam-no a dar um passeio pela praça olhando o

movimento, que tomasse um sorvete, uma visita ao parque de diversões e mais isso e aquilo, até que o sono chegasse. Era a primeira vez que experimentava o uso de calças compridas. E lá se foi o garotão, entre desconfiado e orgulhoso, desfilar o seu novo modo de trajar, para inveja de alguns de seus colegas, ainda sem contato com aquele estágio da indumentária masculina.

O reduzido parque de diversões, armado nas cercanias da praça, constituía-se de uma roda gigante, um carrossel, alguns balanços e pouco mais. Bem que estava movimentado. As pessoas acotovavam-se em filas, na disputa por lugares. Grande afluência recebia também o rústico presépio, armado nas dependências internas da igreja. O que mais chamava a atenção, entretanto, era a vistosa árvore de natal que se erguia em frente à prefeitura municipal. Enfeites e alegorias coloridas compunham, complementado pela bem cuidada iluminação, um digno postal natalino. Aquilo sim, produzia no garoto um efeito encantador, enchendo-lhe os olhos e povoando-lhe a imaginação com as mais deliciosas fantasias infantis. Papai Noel em tudo se achava e, apesar de toda a agitação em derredor, sua imagem sempre preponderava, porém eivada de algo diferente em relação aos anos anteriores.

Fez rastros ainda por algum tempo e quando procurou saber das horas, admirou-se: passava das vinte e três e já se começava a perceber certo movimento em demanda da igreja, com vistas à missa do galo.

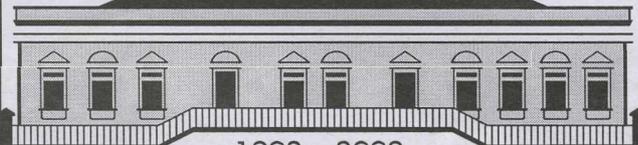
Jamais ficara acordado até àquelas horas. Tomou o rumo de casa, onde encontrou os pais de saída com destino à missa. Perguntado se não os acompanhava, estranhou o convite, respondendo que já tinha sono e precisava dormir para não atrapalhar a visita do velhinho. Percebeu, esperto que era, um breve sorriso de cumplicidade trocado entre eles.

Dormiu a sono solto e sonhou. No sonho, de imagens bem definidas, via-se de repente cerca de outros meninos, cada um com seu presente, somente ele, o maior de todos e por todos ignorado, não portava brinquedo algum. Buscava angustiadamente a ajuda paterna para uma justa reclamação contra Papai Noel, porém tudo resultava em soluções vagas e evasivas. Acordou sobresaltado e percebeu que o dia já se fazia claro. Livrou-se atabalhoadamente dos lençóis para verificar ofegante que nada havia junto aos sapatos. Amuado procurou os pais, que o receberam com sorrisos e explicações, pelas quais o velhinho ao verificar como já se encontrava bem crescido aquele menino, deixara-lhe por lembrança um frasco de água de colônia nada gracioso.

E a partir daquele episódio, o rapazinho, entre cioso e algo contrariado, foi intuindo que começava a deixar para trás o encantado mundo infantil, para se iniciar no campo das imponderabilidades da adolescência.

Ubiratan Queiroz

100anos
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado



1902 * 2002

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

VENERÁVEL IRMANDADE DO SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS

NATAL - RN



A sede edificada no entorno da praça Padre João Maria sente-se contemplada com a devoção dos natalenses ao apóstolo da caridade.

FUNDAÇÃO: 25 DE DEZEMBRO DE 1825

ADMINISTRAÇÃO
PROVEDOR - MÁRIO BERNARDO DE SOUZA



FOTO: Advovendo Claro

Pesca de arrastão na praia da Redinha

SALESIANOS

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-3560
CNPJ: 08.320.384.0001/31